A REBELLIAÕ DEBELLADA:

ELOGIO DRAMATICO:

QUE A SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

ELREI

D. JOAÕ VI. NOSSO SENHOR,

OFFERECE, DEDICA, E CONSAGRA

A SOCIEDADE

DO THEATRO PORTUGUEZ

DA

RUA DOS CONDES,

PARA SOLEMNIZAR EM O DITO THEATRO

NO DIA 3 DE JULHO DE 1823,

O Faustissimo Anniversario da chegada de Sua Magestade, e Real Familia ao Porto de Lisboa, depois da sua longa, e saudosissima ausencia; Congratulando-se igualmente neste dia, pelos Gloriosos Successos do Venturoso Dia 5 de Junho do presente Anno.

AUTHOR

JOSE' MARIA DA COSTA E SILVA.

LISBOA. 1823.

NA TYPOGRAFIA DE BULHÕES.

Com Licença.

Universidade de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciencias e Letras

L433

1 P1

SENHOR.

Univers.ª de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciencias e Lettras

A Sociedade do Theatro Portuguez da RUA DOS CONDES, *tomando parte na alegria geral, que trasborda nos corações dos honrados Portuguezes, por verem a Pátria livre da Facçaõ Anarchica, e desorganizadora (que pertendia reduzir-nos ao ultimo abatimento), e restaurados a VOSSA MAGESTADE os inauferiveis Direitos do Throno, humildemente depozita perante o Sólio de VOSSA MAGESTADE este pequeno Drama Alegorico, em que com os ornatos da Poesia se decantaõ os Gloriosos Acontecimentos*

2
P1

do Dia 5 de Junho, que seraõ de hora avante a Epocha mais brilhante da Historia Portugueza.

Digne-se VOSSA MAGESTADE, acceitando esta pequena offerta, honrar aquelles, que saõ

De VOSSA MAGESTADE os mais humildes, fieis, e agradecidos Vassallos.

Os Actores, e Socios do Theatro Portuguez da Rua dos Condes.

ACTORES.

LYSIA.

NOBREZA.

MARTE.

REBELLIAÕ.

DISCORDIA.

Coro de Genios Guerreiros.

Coro de Furias.

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciencias e Lettras

3
P1

SCENA I.

Espaçosa Caverna de hum caracter pictoresco, e horroroso, que pareça formada pela quéda de alguns rochedos. Ao levantar do panno, descobrem-se aqui, alli as Furias profundamente adormecidas, e no centro a REBELLIAÕ.

LYSIA.

SOberano Senhor de Homens, e Numes,
Jove, de quem na Terra os Reis saõ Cópia,
Tu, cuja mão sustenta, e rege os Globos,
Que do espaço a amplidaõ povôaõ, correm,
Que termo aos males meus, oh Nume, assignas?..
Quando fundaste o Lusitano Imperio
Pela espada, e valor do grande Affonso,
E de lhe presidir me deste a gloria,
Juraste que meus Póvos generosos,
Sempre de Reis Heroes medrando á sombra,
Meus Pendões triunfantes levariaõ
A's da Terra, e do Mar longiquas raias;
Que Heroismo, e Ventura habitariaõ
Sempre do claro Téjo os ledos Campos;
Taõ depressa as promessas te esquecêraõ?
Que infortunio inda jaz nas ferreas urnas
Da medonha desgraça, que naõ tenhas
Sobre Lysia lançado?.. Ah! Naõ bastava
Ver de inimigas hostes opprimido
Meu fecundo Paiz?.. Ver de meus braços
Ausentar-se, affrontando horridos mares,
O melhor de meus Reis, JOAÕ sublime,
Aquelle que de Numa, Aurelio, e Tito
A Divina Virtude emúla, e vence?..

4
P1

O pacifico Heroe, que Vida, e Throno
Só quer, para fazer os seus ditosos?..
Cumpria-me inda ver das Furias todas,
Que o seio abrazador do abysmo encerra,
A mais cruel, mais horrida, mais torpe,
Impia Rebelliaõ, acompanhada
Dessa turba fatal de Estygios Monstros
Meu Clima profanar? Ella no Douro
Furibunda pousou; brandio tres vezes
O longo assoite de entrançadas cobras,
E ao horrido estalído accodem promptos
Ambiciosos Espiritos, que buscaõ
Por todo o preço as honras, e as riquezas.
Com promessas, com ouro, força, e dólo
Os incautos seduzem, bons opprimem,
E anarchico Governo estabellescem,
Que Regeneraçaõ da Pátria chamaõ!
Rouba-se o jús do Rei do Povo em nome,
Destes grilhões os pulsos me carregaõ,
Nesta horrenda caverna me sepultaõ,
E teus raios, oh Jove! em ócio jazem!
Dormem os Monstros!.. e dormir lhe he dado!
Cabe a tranquillidade entre os delictos!..

SCENA II.

LYSIA, NOBREZA, *e os ditos.*

NOBREZA.

NAõ, oh Lysia, naõ tem socego o crime.
O profundo lethargo, em que submersas
Essas Furias estaõ, he obra minha!

LYSIA.

Que branda voz articulou meu Nome?
Quem és tu, que nas trévas destas furnas
Em torno espalhas resplendor taõ vivo?

NOBREZA.

Oh Numen Tutelar da Naçaõ Lusa,
Approxima-te a mim, meu rosto encara,
E quem sou saberás.

LYSIA.

Oh gosto! Oh gloria!
Tu da parte melhor da Lusa Gente,
D'essa Classe magnanima, e briosa,
Que o Throno circundando, o Throno esmalta,
E's a illustre Deidade! Ah! Com que intento
Estes negros horrores penetraste?

NOBREZA.

Para te redimir de indignos ferros,
Para restituir-te os teus Direitos.
Commetter, e acabar arduas emprezas
Sempre foi da Nobreza a gloria, o tymbre.
Essas honras, e titulos pomposos,
Que meus filhos estremaõ dos mais homens,
Premios saõ de altos feitos, de proezas,
Com que da Pátria a bem se distinguíraõ!
E ses verdes laureis, e marcias palmas,
Com que, oh Lysia, cobriste o Mundo inteiro,
Quem as fez avultar, crescer viçosas?
De teus Nobres o sangue generoso
Prodigamente em pugnas derramado.
Quando, extincto Fernando, te impendia
Sobre a heroica Cervíz estranho jugo,
Os teus Nobres intrépidos, na frente

Univers.ª de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciencias
S
P1

Levando o Grande Nuno, o Luso Achyles,
A voz da independencia levantando,
De guerreiro denodo enchendo os Póvos,
Pozeraõ sobre o Throno Lusitano
O Primeiro Joaõ, ultimo resto
Do illustre sangue dos Monarchas Lusos.
Quando nos areaes da Lybia ardente
Malogrado Mancebo aos impios golpes
Do Agareno feroz perdeo a vida,
Vencido naõ, mas de vencer cançado,
E annos secenta dominou teus Póvos
Dos Fillippes o Sceptro formidavel;
Quem se naõ os teus Nobres teve a audacia
De arrostrar hum poder, de quem tremia
A espavorida Europa? Elles briosos
A' Estirpe de Bragança restituíraõ
Hum Sólio, que de jús lhe competia.
Elles da espada á ponta a sustentáraõ,
Pródigos de thesouros, vida, e sangue.

LYSIA.

Sim, no manto Real de seda, e de ouro,
Que os hombros dos Monarchas accoberta,
Saõ os Nobres as Pérlas, e Diamantes,
Que realce lhe daõ, enfeite, e luzes.
Elles saõ as columnas, que sustentaõ
O Social Edificio; e, se ellas faltaõ,
He força que desabe, e ao chaõ se abata.
Elles o ante-mural, que os Reis defendem,
E unidos entre si, repellir podem
Revoltosa Facçaõ. O debil Povo
Fraco, inerme obedece a contragosto;
E com boa intençaõ, porém sem forças,
Contenta-se em gemer no fundo d'alma;
E precisa de hum braço, que o dirija,
E que a estrada lhe mostre, em q'entrar deve.

Entaõ vôa contente aos seus deveres,
E de quem o illudio prompto se affasta.

NOBREZA.

E os Netos de Albuquerques, de Menezes,
Castros, Cunhas, e Mellos, e Silveiras,
Em criminosa inercia soffreriaõ,
Que insanos Demagogos transtornassem
Da Pátria Instituições, costumes, e usos?..
Que ao melhor dos Reinantes, ao Piedoso,
Ao Sublime JOAÕ, ao Pai dos Póvos,
Viva imagem de Jove, amor dos Lusos,
Se usurpasse hum poder, que transmittido
Por seus grandes Avós lhe fôra intacto,
E que intacto passar deve a seus Netos?
Que apenas lhe deixassem delle a sombra,
A fim de authorisar seus vãos Decretos?
Veriaõ em silencio a cara Esposa,
Da Lusitania o Idolo mimoso,
A Divina CARLOTA separada
De seu lado, e seu Throno, e até do seio
Dos Vassallos fiéis, que tanto a adoraõ?..
Esconde, Esquecimento, em sombras tuas
Taõ enorme delicto; oh! naõ! naõ saibaõ
Os Seculos por vir taõ feio crime!
Ou se acaso o souberem, tambem saibaõ
Que foi de lucto, e horror taõ fatal dia.

LYSIA.

Sim, orfão se julgou qualquer dos Lusos;
Pois na Augusta Rainha contemplaraõ
Sempre a mais terna Mãi! Sua bondade,
Prompta sempre a valer aos desditosos,
Todos os corações a Si prendêra!
Com assombro, e com lagrimas notavaõ
O denodo a magnanima repulsa

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciencias e Lettras

6 P1

De hum Código jurar, que anniquilava
Os sagrados direitos do Diadema;
A constancia em soffrer, que de seus braços
Dura Lei arrancasse as lindas Filhas,
Cujas suaves, filiaes caricias
Podiaõ ameigar-lhe a angustia acerba.

NOBREZA.

Herdeiros de seu animo, seus Filhos
Ousáraõ dar intrépidos o exemplo
De á Facçaõ resistir, q'a Pátria opprime,
Do longiquo Brazil o Grande PEDRO
Os fulmina, os confunde, os apavóra,
Ameaços despreza, insulta os riscos,
E força a força oppõe por Terra, e Mares.
Avigora-lhe o esforço a linda Esposa,
A bella LEOPOLDINA, em quem revivem
Genio, e dotes da Ungara Heroina,
Que entre os maiores Reis Germania conta!
Com perigo maior, á face delles,
O brioso MIGUEL dos meus á frente,
A Bandeira Real brioso arvóra;
O fogo do Heroismo arde em seus olhos,
Sua voz he trovaõ, a espada he raio,
Brada, e delle em redor prestes se ajuntaõ
Os briosos Guerreiros Lusitanos,
Que esperavaõ hum Chéfe, e hum Chéfe encontraõ
Capaz de os conduzir, no Régio Infante.
Correm, vaõ de JOAÕ lançar-se ás plantas;
E para que recobre os seus Direitos,
Suas armas lhe offertaõ, armas, vidas.

LYSIA.

Gloria eterna ao Exercito dos Lusos,
Para honrosas acções sempre disposto;
Prompto a dar pela Pátria o sangue, a vida,

Elle adora os seus Reis, seus Reis defende;
Onde a torrida Zona a Terra escalda,
Onde o Polo do Norte os gelos fórma,
Vai sem medo encarar da morte o rosto,
Pugna, e triunfa, ou glorioso acaba!

NOBREZA.

Segue o exemplo da Tropa inteiro o Povo;
Vivas mil a JOAÕ ao Ceo se elevaõ;
E a Facçaõ Demagogo vê por terra
O Edificio, que erguêra sobre arêa.
Assim brincando o trefego Menino
Hum vistoso jardim formar pertende,
Colhe daqui, dalli verdura, e flores,
E na terra ao de leve os pés lhe encrava.
Subito ri, veceja o Eden novo,
E entre os canteiros seus passeia ovante
O pequenino Agricola! Mas breve
De seu triunfo a pompa se esvaece.
Das plantas sem raiz as folhas cahem,
Murchaõ folhas, e resta só de tudo
Resequido montaõ de seccos ramos.

LYSIA.

Esse do Democratico Governo
Ha de ser o destino em toda a parte,
Permanecendo illesa a Monarchia,
Cuja raiz nos Evos vai perder-se;
Qual soberba Floresta, que medrára
Por longos annos sem soccorro do Homem,
A's Nuvens sóbe, os Euros a respeitaõ,
E as solidões sombriferas, que fórma,
De sagrado terror as almas enchem.

7
P1

NOBREZA.

Invisivel entaõ, para remir-te,
Me entranho nesta lugubre caverna;
Hum ramo que molhei no Estygio lago
Sobre a Rebelliaõ, sobre essas Furias,
Que da iniqua por ordem te vigiaõ,
Sacodi mansamente, e hum fundo somno
Desceo logo a cerrar-lhe os torvos olhos.
Eia, oh Lysia! naõ mais nos demoremos,
Eu propria te desato essas cadêas;
O Sceptro, que a JOAÕ roubára o Monstro,
Ei-lo, eu to entrego, e os passos meus seguindo
Entrega-lo ao teu Rei virás tu mesma.

LYSIA.

Oh Sceptro, que manchou nefanda Furia,
Sceptro, que aos Lusos Reis dos Ceos foi dado,
Vai do SEXTO JOAÕ a dextra Augusta
De novo restituir-te o brilho antigo.

SCENA III.

REBELLIAÕ, DISCORDIA, FURIAS.

REBELLIAÕ, *acordando sobresaltada.*

NAÕ! taõ facil de mim tu naõ triunfas!
O meu braço.... o meu facho.... mas que he isto?..
Foi illusaõ!.. sonhava!.. onde está Lysia!..
Rotos os seus grilhões por terra vejo!..
Que poderosa maõ salva-la poude!..
Eumenides crueis!.. mas jazem todas
Em profundo lethargo sepultadas!..

Entendo, Inferno, entendo! no meu sonho
Me querias dizer que me trahiaõ!..
Que Genio Celestial dest'arte poude,
Triunfando de mim, salvar-te, oh Lysia!
O Sceptro de teus Reis das mãos roubar-me!
Salvar-te!.. naõ! por salva te naõ contes,
Inda a Rebelliaõ conserva forças
Para os pulsos de novo agrilhoar-te!
Posso ainda vencer!.. vingar-me ao menos,
E a vingança o triunfo ás vezes suppre.
Furibundas Eumenides, ouvi-me,
Do somno despertai!.. (*Acordaõ as Furias.*)

DISCORDIA.

De nós que exiges?..

REBELLIAÕ.

Que exijo?.. quanto ardor, quantos furores
O vingativo Inferno em vós suscita!
Lysia os ferros quebrou, e evadir soube
Meu poder, vossa guarda!.. ah como ao somno
Vossas vigiles palpebras cedêraõ!....
Como cedi eu propria!.. ah! claro vejo
Que o meu veneno inficionar naõ poude
Os Lusos coraçõe!.. delirio breve
Foi a sua illusaõ, e fugio logo.
Da razaõ aos princípios afferrados,
As minhas suggestões n'alma detestaõ.

DISCORDIA.

Detestem; porém sirvaõ-te!.. ao teu mando
Tens meu braço, estas Furias, e outras novas,
Se necessario for, do Averno eu chamo!..
Da Discordia o poder tu bem conheces;
Quando nos ares este facho arvóro,
Quando delle sacudo Estygio lume,

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciencias e Lettras

8 P1

Pacificas Naçõ̃es em guerra accendo,
Alboróto os concordes Elementos,
Armo Irmãos contra Irmãos, Pais contra Filhos,
E de estragos, e sangue innundo a Terra.
Marchemos.... mas que vejo! tremes?

REBELLIAÕ.

Tremo.
Insolito terror de mim se apossa;
Lysia protege-a o Ceo!..

DISCORDIA.

Proteja embora!..
Se tem raios o Ceo, tem raios o Orco,
E se ha Numes no Ceo, do Averno o somos.
Quando formou Saturno a graõ partilha,
Coube a Neptuno o Mar, o Olympo a Jove,
E o Inferno a Plutaõ!.. Ficado a Terra,
Sem directo Senhor, alvo perpétuo
De eterno pleito aos tres, e aos seus sequazes.
Vindicamos o jús do Rei do Averno
Sobre o Mundo firmando o nosso Imperio!
Só habitaõ no Inferno estragos, crimes,
Aqui cumpre plantar crimes, e estragos.

REBELLIAÕ.

Ou do Averno, ou do Ceo fosse o meu sonho,
Claro diz que perdi de Lysia o mando.
Vi, que horror! o Edificio levantado
Co' as fadigas dos meus a tanto custo,
E já quasi a romper com o tope as Nuvens,
De mil raios ignivomos ferido,
Com horrido fragor cahir por terra
Em crepitantes chammas submergido;
E d'entre as ondeantes labaredas
Alígero Dragaõ levar nas garras

O, que aos Lusos dictei, Codigo novo!
Arrepio-me, e tremo, e bramo, e rujo:
Eis trotando em falcigera carroça,
Que o fragor do torvaõ rodando imita,
Ante mim se apresenta o Deos da Guerra..
Mas naõ! Marte naõ era! as armas suas
Revestidas trazia o Luso Infante,
Que Mavorte imitava em gesto, em brio!..
Pouzava-lhe o terror sobre a cimeira,
Relampagos dos olhos lhe sahiaõ;
O Sceptro de JoAõ das mãos me arranca,
Crava-o na Terra; e em Arvore tornado
Elle subito cresce, e se agiganta,
Fugindo pelos Ceos co' a coma altiva;
E, os tortuosos ramos destendendo,
De hum, e de outro Hemispherio as Lusas terras
Com a sombra vastissima cobria.
Eu céga de furor meu facho empunho,
Clamo, corro a vingar-me, acordo, e encontro
Dormindo todos vós, fugida Lysia!
E naõ queres que eu trema, e que eu desmaie?

DISCORDIA.

Desmaiar, e tremer naõ cabe a Furias.
Que havemos recear? ficar vencidas?
Nós somos immortaes por mal dos homens,
E o Averno nos dá seguro asylo
Contra os raios, que Jupiter despede.
Eumenides fataes, cujas cabeças
De sibilantes viboras se toucaõ,
Vós, Filhas, como eu sou, do Cahos negro,
O lume despertai dos fachos vossos,
E meus passos segui; ante vós tremaõ
Os Lusitanos Póvos, surja entre elles
Com todo o seu furor a civil Guerra;
Devastações, incendios, pugnas, mortes

Univers.ª de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciens. e Letras

9
P1

Cubraõ do Luso Imperio a longa face;
E o Guadiana, o Mondego, o Douro, o Téjo,
Todos tintos de sangue aos mares corraõ.

SCENA IV.

MARTE, GENIOS GUERREIROS, *e os ditos.*

MARTE.

OS passos suspendei, Filhas do Averno;
Marte, o Nume da Guerra, assim o ordena.

REBELLIAÕ.

E para dar-nos Leis, que jús tem Marte?

DISCORDIA.

Jove acaso usurpou do Averno o throno?
Saõ Deidades da Estigie escravas suas?

MARTE.

Por seu grande valor os Lusitanos
A minha estimaçaõ ganhar souberaõ;
Vio-os o Mundo do meu braço á sombra
Como aligeras Aguias arrojar-se
Dos Confins do Occidente, e derramando
De seu nome o terror por Terra, e Mares,
Descobrir do Occeano as Ilhas todas,
Os Povos conquistar da Lybia ardente,
Os Chins apavorar, dar Leis ao Ganges;
E como se hum só Mundo naõ bastasse
Para Theatro das Façanhas suas,
Ir affoitos firmar as Santas Quinas
Sobre incognito Mundo, que Natura

Com mares nunca d'antes navegados
Tinha por tantos Seculos occulto
A' humana indagaçaõ, para entregar-lho.
Eu entaõ nas Brazilicas Florestas
A seus olhos mostrei quantos Thesouros
Tinha para offertar-lhe a nova Terra.
Minha lança os altissimos Rochedos
Ferio!.. Víraõ chover do centro delles
O vermelho rubi, verde esmeralda,
E o diamante, que os vence em preço, em brilho.
Mostrei-lhe o leito dos profundos Rios
Alastrado de pérolas custosas;
Fiz-lhe observar no novo Continente
De prata o coraçaõ, e de ouro as vêas;
Sua imaginaçaõ vê fatigar-se
Numerando os productos de seus campos
Em Aves, Animaes, Arvores, Fructos.
Lysia entaõ a cabeça magestosa
Entre as Naçõe da Europa ergueo soberba,
E a plenas mãos no Mundo derramando
Ampla cópia de innumeras riquezas;
Invéjada subio da gloria ao cume.

REBELLIAÕ.

Se Lysia te deveo tantos favores,
A que fim mo recordas?

MARTE.

Porque entendas,
Que eu jámais soffrerei, que, tu, oh Monstro,
Forjando de seus Póvos a desgraça,
Pezes neste terreno.

REBELLIAÕ.

Eu de seus Póvos
Promovi a ventura....

10
P1

MARTE.

Que ventura
Póde provir de quem do Averno he Filha?..
He querer que o veneno alente a vida,
E no Tygre feroz achar piedade.

REBELLIAÕ.

Eu lhe dei novas Leis.

MARTE.

Seus resultados
Mostraõ bem que as dictára o teu influxo.
O poder do Monarcha defraudando,
De seu sexo explendor, huma Rainha,
Delicias de seu Povo, em vil desterro,
Honrados Cidadãos gemendo em ferros,
Familias na indigencia submergidas,
Estagnado o Commercio, extincta a Industria,
Livre a Imprensa espalhando erros, calumnias,
O Brazil có' a Metropole em divorcio,
Impia Guerra civil, ás mãos dos Lusos
Sem piedade vertendo o Luso sangue,
E proxima a romper guerra Estrangeira,
Eis os bens que trousseste á Lusitania.
Mas eu prompto voei em seu socorro;
No peito heroico do brioso Infante,
Do Sublime JOAÕ condigna Prole,
Meu fogo derramei; elle animoso
A's Lusitanas Tropas se apresenta,
Falla-lhe, e delle á voz promptas se ajuntaõ,
E maldizendo a ti, e aos teus Fautores,
Em redor do seu Rei, já vaõ formar-se.
Vê, oh Monstro, e pragueja! Vê triunfante
Na Capital entrando o bom Monarcha
Por baixo de huma abobeda de vivas,

Que fazem retumbar do Téjo os montes;
O Filho excelso a marcha lhe precede,
As formosas Princezas o acompanhaõ,
A Nobreza lhe escolta a marcha ovante,
Bravos Officiaes das Lusas hostes
Do Régio coche desjungindo os Brutos,
Vaõ por elle tirando entre hum diluvio
De flores, que daqui, dalli lhe lançaõ;
Delira de prazer hum Povo inteiro,
Que vê liberto o Rei, e a si liberto,
Que reconhece em fim q' a liberdade
Só existe onde impéra hum Rei q'he justo,
Naõ onde dicta as Leis confusa turba
Discorde no pensar, discorde em votos,
De paixões pessoaes sempre agitada.
Jove he só quem nos Ceos impéra; e tudo
De Jove pelas Leis se rege, e existe.

REBELLIAÕ.

E esse onde está, que se assemelha a Jove?

MARTE.

Ei-lo, encara, estremece, e curva, e foge.

Muda-se a Scena para hum lugar delicioso, e ricamente adornado, onde apparecem os Retratos de SS. MM. ElRei, e Rainha, e de SS. AA. o Principe Real, e sua Esposa, e o Senhor Infante D. Miguel. LYSIA, *e a* NOBREZA *estaõ aos lados. Apenas se descobrem os Retratos as Furias desapparecem.*

MARTE.

Agora que de novo, oh Lusitanos,
Vosso antigo caracter recobrastes,
E o precioso Titulo sublime

De Filhos de Joaõ, e o bom Monarcha
Momentaneo extravio amigo esquece,
Cheios de gratidaõ clamai comigo.
Viva a Religiaõ da Lusa Gente;
Viva o Sexto Joaõ, da Pátria Amparo;
Viva a Excelsa Carlota, amor dos Lusos;
Viva o Egregio Pedro, e a Esposa sua;
Viva o Grande Miguel, q'a Pátria salva;
Vivaõ de Lysia as Inclitas Princezas;
Viva a Nobreza, Viva a Tropa Lusa,
Que defendem o Throno, e o Throno escóraõ.

Canta-se o Hymno d'ElRei, e cahe o panno.

F I M.

BIBLIOTECA
5
DEZ.
39
Nº de Reg 1193

Univers.ª de S. Paulo
BIBLIOTHECA
Fac. de Philos. Sciencias e Lettras

12
P1